

FULGÊNCIO, Lúcia; LIBERATO, Yara Goulart. (1992) *Como facilitar a leitura*. São Paulo: Ática.

KOCH, Ingedore Vilaça Grunfeld. (1992) *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto. _____ (1993) *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez.

MARTINS, Maria Helena. (1982) *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense.

NASCIMENTO, Ynah de Souza. (1996) "Proposta política e ensino de leitura". In: *Linha d'Água*, n. 10, julho.

YATSUDA, Ana Maria Bonato Garcez. (1991) "A leitura na escola". In: MARTINS, Maria Helena (org.). *Questões de linguagem*. São Paulo: Contexto.

Abstract: *This paper discusses the teacher interaction with their students in the reading class. A political proposal of the work in the classroom depends on the way of exploring the text as a didactic resource. Reading can be apprehending more than what the writer said in his text, but apprehending what he wanted to do in it, and the teacher has a very important function in the process of development of the reader that can do it.*

Keywords: *Reading, Linguistics, applied linguistics*

MARCOS: REI DA MARGEM – NA CONTRAMÃO DOS MODISMOS, NO ALVO DOS EXCLUÍDOS E NO CORAÇÃO DO LEITOR

Jorge Miguel Marinho*

Resumo: *Ensaio biográfico e literário, identificando no conjunto das obras de Marcos Rey a sua singularidade à margem, tanto no que se refere à predominância de personagens situados na periferia da vida e tratados numa prosa de "suspense social", quanto no que toca ao "silêncio" da crítica especializada.*

Palavras-chave: *Marcos Rey, ensaio biográfico e literário*

Cenas de um escritor

SEQÜÊNCIA ÚNICA: INTERNA, PASSAGEM DO DIA PARA A NOITE, SOM COM A VOZ DE BILLIE HOLIDAY E O PIANO DE ART TATUN.

Mãos de um escritor projetadas sobre fundo azul e cinza. Fusão para uma janela que enquadra imagens de São Paulo.

ABERTURA – no dia 17 de fevereiro de 1925 nasce, em São Paulo, Marcos Rey, pseudônimo de Edmundo Donato.

PONTO DE VISTA – criança, ouve encantado as histórias das mil e uma noites, viaja no Atlas, lê a Bíblia e histórias em quadrinhos.

* Professor de literatura na FIEO, autor de *Mário, um homem desinfeliz* (Prêmio Jabuti), *Na curva das emoções* (Prêmio APCA) e *O cavaleiro da tristíssima figura* – Prêmio HQ-MIX.

CORTE – aos 16 anos publica seu primeiro conto no jornal *Folha da Manhã*.

ZOOM – em 1953, sai *Um gato no triângulo*, novela intimista com clima *noir*, seu primeiro livro.

PLANO PRÓXIMO – mata a fome com um conhaque e foge de credores insistentes.

PLANO MÉDIO – escreve *scripts* para o rádio, roteiros para a televisão e pornochanchadas para o cinema da Rua do Triunfo.

PLANO GERAL – em 1960, publica *Café na cama*, o segundo *best seller* nacional do ano, em 1967, *O enterro da cafetina*, (Prêmio Jabuti), em 1968, *Memórias de um gigolô*, romance do triângulo amoroso entre dois cafetões e a prostituta mais dadivosa da literatura brasileira.

FLASHBACK – em 1960, casa-se com Palma, com projeção *ad infinitum*.

CORTE SECO – escreve a primeira minissérie para a televisão, *Os tigres*, com elogios da crítica e desinteresse do público.

INSERT – pensa em viver só de literatura.

PANORÂMICA – em 1978, publica *Soy loco por ti, América*, coletânea de contos mordazes centrados no trivial, em 1980, *Malditos paulistas*, romance policial com tiradas picarescas, em 1981, *Ópera de sabão*, paródia das radionovelas, premiada pela APCA.

TRAVELLING – é convidado pela Ática para escrever literatura juvenil e publica *O mistério do cinco estrelas*, um dos maiores sucessos editoriais para adolescentes.

FUSÃO COM CLÍMAX – em 1984, a adaptação de *Memórias de um gigolô* para televisão é proibida pela censura federal mas, em 1986, vai ao ar com final feliz.

INSERT – tenta viver só de literatura.

CLOSE-UP – é eleito para a Academia Paulista de Letras.

PONTO DE VISTA DO ESCRITOR – escreve obstinadamente ontem, hoje e sempre.

INSERT – passa a viver só de literatura, raridade no Brasil.

RETOMADA DE IMAGEM – em 1993, sai *O último mamífero do Martinelli* e recebe outro Jabuti.

PAN – em 1996, é eleito o Intelectual do Ano com o Prêmio Juca Pato.

Mãos de um escritor escrevendo, com *zoom* numa veia acintosamente cinza e azul que ocupa todo o quadro e se funde em mais imagens de São Paulo.

Palavra de leitor

Movido por uma alegria nervosa, me vi diante da urgência de escrever algumas linhas sobre a vida e a obra de Marcos Rey. Apenas algumas linhas, como necessidade de dar retorno a uma leitura boa e feliz. Urgência maior depois que li a entrevista de Wilson Martins em *O Estado de S. Paulo*, em que ele faz um balanço da literatura brasileira e toca no silêncio da crítica em relação à obra de Marcos Rey, "um grande injustiçado". Então, mãos à obra.

Pensei no grande sucesso editorial que ele é, na fidelidade dos leitores que crescem a cada virada de página, nos passeios pelos sebos de São Paulo, por trás das grossas lentes, como um investigador de raridades carregadas de tempo e de pó, na sinceridade de homem e de ficcionista que me parece o seu traço mais singular. Não deu gancho. Foi então que – inspirado pelo excelente roteirista que ele é – me acolheu o breve roteiro inicial como têm me acolhido a voz e as palavras desse escritor extraordinário que, recolhendo imagens do cotidiano mais imediato, na criação não delimita territórios entre realidade e ficção.

Não inesimo: a título de rubrica, quero acentuar aqui que a vida de Marcos Rey é intensa e dinâmica como um show de variedades. Entretanto, a parte melhor ficaria, fatalmente, à margem de um roteiro: o olhar aguçado na geografia humana, como uma câmera obsessiva cujo foco ferino e igualmente amoroso não se desloca do seu único *set* de filmagem: os excluídos do quadro social. É dessa aparente contradição que conjuga a ironia corrosiva com lances de compaixão, reunindo da margem social os resíduos de uma substância que se inaugura como matéria central, que Marcos Rey cumpre a sua função literariamente humanizadora. Não só porque elege uma população de desvalidos no papel de protagonistas da história, mas também, e talvez sobretudo, por esquadriñar o extraordinário no banal.

Introdutor do romance *noir* na mira da narrativa policial, não incorpora traços do experimentalismo modernoso no texto enxuto, submetendo a forma carregada de fabulação ao registro de indivíduos à margem, flagrados cinematograficamente nas situações mais banais como matéria para sensíveis revelações. É o passador de cédulas falsas que se torna prisioneiro de uma arca repleta de dinheiro, o menino rancoroso que persiste austero no homem desconfiado de um roubo apenas imaginado, o intelectual-capacho que se submete às atrocidades da mídia. Escavando do cotidiano a estranheza das ações humanas, aparece também o herói apaixonado pelo seu fusca, que é assassino contumaz com o mesmo sentimento de adoração, o adhemarista fanático que perde o sentido da vida no mesmo

ritmo da derrota eleitoral, o perseguidor de um cão vadio que acaba desvelando o trânsito silencioso de um homem confinado na solidão. Estes – presentes na republicação de *O cão da meia-noite* – como também o ventríloquo apaixonado por seu maquiavélico boneco Tataboy, do recente *Fantoches*, e tantos outros personagens mais parecem fotogramas fictícios de um mundo estranhamente familiar. E são. O painel variadíssimo de tipos que transitam na obra de Marcos Rey se reveste de funcionalidade político-social na exata medida em que resulta de gente recolhida da periferia da vida para o centro da ficção. Ele mesmo confessa a sua propensão para o registro do real: “Não inventei nenhuma personagem. Todos que pus em circulação nos meus romances, contos e roteiros tirei do aludido baú ou dum cotidiano mais recente”. Eis aqui a “vida” como matéria-prima, porção interferente e constituinte da fatura ficcional organizada como um tipo de estrutura especular em que nos reconhecemos ou identificamos situações absurdamente reais na ordem do narrado, pois a eficiência do recorte humano é a própria motivação da eficiência estética, resultando num feliz encontro entre realidade de fato e ficção, expressividade textual e fatores sociais.

À margem da crítica especializada que, como espécie, parece não lhe interessar, sua literatura só encontra ressonância em críticos do tipo de João Antônio, não por acaso, escritor afinado com uma temática ideologicamente semelhante, com a diferença de que Marcos Rey projeta uma ampla galeria de excluídos, muito mais indivíduos à margem do que marginais. Nisso ele é único e impressiona como inova partindo de modelos convencionais. Na verdade, Marcos Rey subverte ancorado na tradição.

Explico melhor: se a literatura também avança no alvo do inusitado, do experimentalismo, da obsessão pelo imprevisto sem nunca se firmar como plena inauguração do novo, da mesma forma e na avalanche de experimentos, a preservação de estruturas tradicionais, como é o pacto com uma história factual da qual Marcos Rey não abre mão, pode-se oferecer enquanto singularidade à margem dos discursos de ocasião. Isto porque, fora de esquadro e refratária ao *boom* de modismos, a obra aparece como voz estranha aos maneirismos presentes na ordem do dia. Este é o caso de Marcos Rey e daí outros rótulos por força da simples compulsão por nomear escritos e escritores: fabuloso, porta-voz dos pingentes sociais, menestrel de São Paulo, escritor maldito e quietais.

De passagem e entrando nesse jogo de palavras, que me perdoem os “sígnicos”, mas hoje em dia uma boa história é fundamental.

Em favor dessa causa, os seus romances policiais jamais degeneram em subliteratura, tendo em conta o estigma de um gênero condenado às concessões. De fato, a inquietação diante do desconhecido ou a atração pelo enigma estão presentes na fatura literária, porém o que importa mais são as armadilhas tramadas no plano humano e social. Sem descolar o foco de atenção do personagem, Marcos Rey rejuvenesce o gênero sem grandes malabarismos: apenas nos aproxima de Adão Flores, detetive intuitivo e bonachão, com 120 quilos de bom caráter, não sem uma boa dose de zombaria, a serviço da justiça, dos apelos da noite e do humor. O resultado é um certo “suspense de alma”, funcionando como elemento aglutinador e contraponto atenuante da trama sensacional.

Por recuperar formas cristalizadas, fazendo do policialesco um instrumento de crítica com a categoria estética do romance social, Marcos Rey assegura o seu reinado à margem das “elegâncias literárias” e reforça a singularidade de um estilo que se mantém impermeável às classificações. Não é demais repetir que essa falência da crítica conta ponto para a criação, com o respaldo de mais um traço dessa marginalidade inclassificável pelas semióticas, a saber: num país de poucos leitores, sem fazer concessões no âmbito da auto-ajuda, da parafernália esotérica, ou das tramas digestivas inflacionadas de imperialismo factual “tipo James Bond”, Rey é elevado à categoria de rei, por viver, bem ou quase bem, única e exclusivamente do seu ofício de escritor.

Mas o grande mérito de Marcos Rey está em ser o porta-voz daqueles que permaneceram à margem de um Brasil alardeado e sonhado por multidões, embora São Paulo apareça como uma espécie de epicentro de indivíduos atirados à crueldade da metrópole ou de expurgos sociais órfãos de cidadania. Como quadros sobrepostos ou tomadas verticais, desfila o confinamento dos marginalizados, a violência das relações humanas, o poder da moeda como pena capital ou a hipocrisia urbana como pilar da civilização. De frente ou de perfil, em plano americano ou close, com cortes telegráficos ou *zooms*, a constelação de personagens que convergem da margem para o centro é enorme, difícil de enumerar: funcionários-pelegos, vedetes artificiais, cafetinas patéticas, policiais corruptos, jornalistas desempregados, homossexuais solitários, revolucionários confusos, pré-suicidas, vendedores de ilusão, injustiçados e mesmo cães vadios e ulcerados vagando sem direção. É o próprio Marcos Rey que identifica sua população: “os meus heróis são sempre aqueles que sobraram, que caíram fora, que foram lançados à margem”.

Desse universo de porções de vida que sobrevivem à margem, articula-se uma outra margem, subtexto pontual e englobante, fundo latente e inesgotável

enquanto matéria ficcional, realidade tocável que conflui para o contexto sempre maior: a brutalidade da engrenagem social.

Por essas e outras, recusando-se a ser “o Joyce da Casa Verde ou o Proust da Barra Funda”, não por acaso, Marcos Rey é, no centro da ficção nossa de cada dia, o rei da margem no Brasil.

Abstract: Biographic and literary essay, identifying on the whole of Marcos Rey's work his singularity on the margins concerning as much the predominance of characters hanging on life's edge, and focused on in a "social thrilling" prose, as the "silence" of the specialized review towards the Brazilian author.

Keywords: *Marcos Rey, biographic and literary essay*

O USO DE RELAÇÕES SEMÂNTICAS NA ANÁLISE GRAMATICAL

Carlos Franchi*
Esmeralda V. Negrão**
Ana Lúcia Müller***

Resumo: *Assumindo que a teoria gramatical visa a estabelecer a relação entre a forma das expressões e sua significação, o artigo discute o uso de propriedades e relações semânticas para auxiliar a argumentação na descrição de fenômenos gramaticais. Nesse sentido, o artigo examina a construção de cenários e o uso das relações de paráfrase, conseqüência e contradição como instrumentos na construção de hipóteses descritivas sobre a sintaxe de uma língua. As funções de adjunto adnominal e de predicativo são analisadas como ilustração de um estilo analítico de discussão sobre a Gramática do Português.*

Palavras-chave: *gramática, sintaxe, semântica, argumentação*

Introdução

A teoria gramatical visa a estabelecer a relação entre a forma das expressões e a sua significação; em outros termos, a construção de uma teoria gramatical deve mostrar as correlações entre a estrutura sintática e a estrutura semântica. Nesse sentido, mesmo os pesquisadores que limitam o seu trabalho aos aspectos sintáticos das línguas naturais e que procuram servir-se exclusivamente de critérios de

* USP e UNICAMP.

** USP.

*** USP.